

Best-seller do *The New York Times*

escreva sobre mim

Tillie Cole



Planeta

escreva
sobre
mim

Tillie Cole

Tradução
Wélida Muniz



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Tillie Cole, 2025

Esta edição é publicada mediante acordo com McIntosh & Otis, Inc. por meio da International Editors & Yáñez Co' S.L.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Wélida Muniz, 2026

Todos os direitos reservados.

Título original: *Write me for you*

Preparação: Karine Ribeiro

Revisão: Camila Gonçalves e Luana Negraes

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa: Antoaneta Georgieva/Sourcebooks

Adaptação de capa: Sandra Fava

Imagem de capa: 9600GTX/Shutterstock

Imagens de miolo: Freepik,wavebreakmedia/Shutterstock,

UM-UMM/Shutterstock, Bilanol/Shutterstock, tugol/Shutterstock

Tratamento de imagens: Carlos Mesquita

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Cole, Tillie

Escreva sobre mim / Tillie Cole ; tradução de Wélida Muniz. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2026.

352 p. : il.

ISBN 978-85-422-4171-6

Título original: Write me for you

1. Literatura infantojuvenil inglesa I. Título II. Muniz, Wélida

26-1089

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil inglesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editora-planeta.com.br PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



capítulo 1

June

Texas

Dezessete anos

— EU SINTO MUITO... MAS NÃO PODEMOS FAZER MAIS NADA.

As palavras chegaram aos meus ouvidos em fragmentos, como gotas de chuva caindo ao acaso. A dormência se espalhou pelo meu corpo até me imobilizar. O rosto tomado de tristeza do dr. Long ficou borrado diante dos meus olhos, que pareciam perder o foco enquanto cada centímetro de mim paralisava.

Eu sinto muito...

A voz do dr. Long se repetiu na minha cabeça como se soasse em um túnel, dando voltas e fazendo eco, tentando atingir meu quebrado coração. Eu estava presa em uma espécie de casulo. Um pranto alto, distante, podia ser ouvido do lado de fora do casulo, mas eu não conseguia me mover para ver de onde ele vinha. De esguelha, captei um vislumbre de movimento, mas não consegui mexer o olhar para ver o que era. Ouvi um estilhaçar, então um choro profundo e sofrido preenchendo a sala, como se arrancado das profundezas da alma da pessoa.

... mas não podemos fazer mais nada.

Meu coração começou a martelar, as palavras do dr. Long ainda tentavam se infiltrar, junto aos gritos e os lamentos externos retinindo nos meus muros impenetráveis.

Balancei a cabeça, tentando pensar, tentando me orientar, mas foi em vão. Fiquei ofegante e pensei sentir algo úmido escorrendo pelas bochechas. Uma mão envolveu a minha, apertando-a com força, como se não quisesse largá-la nunca. Eu pisquei e pisquei de novo, tentando focar, tentando sair daquela paralisia sombria. Então, a sensação reconfortante dos braços da minha mãe envolvendo meu pescoço me arrastou para o presente, até que o consultório médico ficou nítido outra vez. Até que o som rouco do pranto entrecortado do meu pai me atingiu e os braços trêmulos da minha mãe me ancoraram. Arquejei e permiti que o frescor do ar-condicionado preenchesse meus pulmões.

O dr. Long estava sentado diante de mim, e eu encarei seu rosto triste. *Eu sinto muito... mas não podemos fazer mais nada.*

Esperei que o peso massacrante da realidade me esmagasse, que choro e gritos escapassem da minha boca, que a ansiedade contra a qual eu lutava havia tanto tempo me tomasse em suas garras implacáveis. Mas nada disso aconteceu. Minha mãe chorou em meu pescoço, meu pai caiu de joelhos diante de onde estávamos sentadas e nos envolveu, a mim e a minha mãe, em seus braços fortes, mas eu estava completamente imóvel. Não havia tremor. Nem choro, nem gritos. Só... paralisia.

Eu ia morrer.

Eu tinha dezessete anos e ia morrer.

Depois de toda a batalha dos últimos anos: a quimioterapia, os medicamentos, os ataques de pânico, toda a dor... tudo estava prestes a acabar. Fiquei surpresa ao notar que havia um bocadinho de alívio nisso. Chega de dor, chega de mais remédios, chega de agulhas, restava apenas a aceitação de que era hora de parar de lutar.

— June — sussurrou minha mãe, afastando a cabeça da curva do meu pescoço.

Enquanto eu a encarava, meus lábios começaram a tremer. Não por minha causa, mas por causa *dela*... por causa do meu pai.

Ele ergueu a cabeça, com os olhos tomados por tanta dor... Dor pura e lancinante.

— Está tudo bem — consegui dizer, com a voz quase inaudível. — Eu... eu estou bem.

— Meu amor... — disse minha mãe, segurando minhas bochechas. Ela esquadrinhou o meu rosto como se estivesse me vendo pela última vez.

O dr. Long se levantou. Eu acompanhei seus movimentos. Meus pais olharam para ele como se o médico fosse dizer que tinha sido um mal-entendido. Que tinha interpretado mal os exames. Que, na verdade, os resultados diziam que havia uma chance. Que havia esperança...

Só que não havia.

O dr. Long franziu os lábios e disse:

— Fiquem nesta sala o tempo que precisarem. Entrarei em contato nos próximos dias para falar do plano do tratamento paliativo. — Ele fez uma pausa.

Observei seu pomo de adão subir e descer, como se o médico também estivesse lutando contra as próprias emoções. Então ele assentiu e saiu, fechando a porta ao passar.

O silêncio que se seguiu à sua saída foi sufocante. Meus pais ergueram a cabeça, os olhos avermelhados observando se eu ia desabar. Mas tudo ainda estava dormente.

— A gente pode ir para casa? — perguntei.

Eu não queria ficar mais tempo que o necessário naquele hospital. Meus pais trocaram um olhar, uma conversa silenciosa que não compreendi.

— É claro — disse minha mãe, pegando minha mão.

Encarei nossos dedos entrelaçados. Eu não sentia que era a minha mão que ela segurava. Parecia que, de repente, eu observava o mundo de um ponto distante. Como se não estivesse mais no controle do meu corpo. Eu não estava atrás do volante. Em vez disso, estava no banco de trás, observando tudo se desdobrar a uma distância que eu não conseguia reduzir.

Mantive meu olhar adiante enquanto saíamos do consultório e seguíamos pela ala de oncologia pediátrica. O ritmo dos saltos da minha mãe no chão de linóleo nos acompanhou até o calor texano lá fora: quatrocentos e vinte e dois passos.

Minha mãe me segurou firme até chegarmos ao carro. Meu pai abriu a porta e me ajudou a entrar. Prendi o cinto, tudo no automático. Tentei sentir alguma coisa, permitir que minha consciência lutasse contra aquele desprendimento peculiar, mas não havia nada.

Meu pai deu a partida, e fomos para casa em silêncio. Captei os olhares preocupados que meus pais trocavam. Vi a cabeça deles se virar frequentemente para mim, esperando que eu entrasse em colapso, que falasse, que fizesse *qualquer coisa*. Mas eu estava fixada somente no que aparecia fora da janela do carro, ficando naquele casulo de segurança que havia encontrado dentro de mim.

As árvores balançavam com a brisa da tarde. Os pássaros cantavam e se lançavam ao céu, mergulhando e planando. O sol ardia no céu azul cristalino. O mundo permanecia o mesmo.

Mas eu ia morrer.

Respirei bem fundo, sentindo um leve aperto no peito. Esperei pelo pânico, pela dor, pelo medo absoluto e visceral que deveria sentir ao ouvir que meus dias na terra estavam contados, mas a dormência seguia forte. Encarei a minha mão; ainda não parecia minha.

No que pareceu um instante, chegamos em casa. Olhei para o imóvel pequeno. Estava tudo igual. Havia conforto no fato de que, quando a vida virava de cabeça para baixo, algumas coisas permaneciam iguais.

Meu pai abriu minha porta e estendeu a mão para me ajudar a sair do carro. Deixei que ele me conduzisse até em casa. Mas, uma vez lá dentro, o silêncio que nos engoliu começou a espantar o torpor. Picada a picada, agulhadas de ansiedade começaram a pressionar meu peito.

— June? — chamou minha mãe.

Seus olhos tristes esquadriharam meu rosto. Eu não sabia como reagir. Como a gente deveria agir ao ouvir que estava morrendo? Eu não conhecia o protocolo.

— Preciso de ar fresco — falei, e fui até o quintal.

Ouvi meus pais me seguindo. Parei e, sem me virar, pedi:

— Por favor... só me deixem ir lá fora. Eu preciso ficar sozinha.

Não olhei para eles. Não suportaria mais ver a tristeza no rosto dos dois. Não queria afastá-los... só precisava respirar.

Eu precisava encontrar o caminho de volta para mim mesma.

Os raios de sol que entravam pelas janelas formavam um arco-íris nos balcões da cozinha, e o cheiro distante do pão que minha mãe fizera naquela manhã perdurava no ar. Deixei isso me envolver, então saí pela porta dos fundos. O deque de madeira rangeu sob meus pés. Fui até a mureta e me debrucei sobre ela. Olhei para minhas mãos de novo, flexionei os dedos. Minhas unhas estavam curtas e quebradiças, mas, fora isso, pareciam normais. Respirei bem fundo, ar encheu meus pulmões. As juntas das minhas pernas e dos meus braços doíam.

Mas eu estava *bem*. Eu não sentia que meu tempo nesta terra havia acabado.

Meu corpo podia estar entrando em colapso, mas minha alma parecia *viva*. Era difícil entender isso. Um pássaro cantava no alto da copa de uma árvore no bosque ao lado da casa, e me vi olhando para cima. A brisa beijou minhas bochechas, e observei o pássaro empoleirado em um galho. Como se sentisse minha atenção, ele olhou para mim.

Segundos depois, alçou voo.

Eu queria poder fazer isto naquele momento: voar e me perder nas nuvens.

Eu sinto muito...

Fazia muito tempo que eu lutava. Acho que, na minha ingenuidade, não acreditei que eu *não* seria curada. Sim, muitos tratamentos não tinham dado certo, mas sempre pensei que alguma coisa funcionaria. Só restava saber qual.

Meu coração acelerou. Cerrei as mãos, mas a sensação de desprendimento ainda estava ali, como se meu verdadeiro eu estivesse preso em algum lugar dentro da minha mente.

Fui até o balanço da varanda e me sentei.

Quando a porta se abriu atrás de mim, me virei e vi meus pais se aproximando. Pela primeira vez naquelas poucas horas, sorri.

— Sabia que vocês não iam conseguir ficar longe.

Minha mãe sorriu, mas aquele sorriso logo se transformou em pesar quando suas lágrimas caíram. Meus pais se sentaram no balanço comigo, um de cada lado. Seguraram minhas mãos, e, por um momento, elas pareceram minhas de novo.

— Querida — disse meu pai, e me virei para ele. — Como você está se sentindo?

— Eu não sei — respondi, então balancei a cabeça. — Não, eu estou entorpecida. — Ri de mim mesma. — Acho que estou em choque. — Minha mãe secou os olhos. Me virei para apoiar a cabeça no ombro dela, olhando para os campos nos

fundos da nossa casa e o bosque que ficava mais para o lado. Eu adorava aquela vista. — Nunca pensei que chegaríamos a este ponto.

— Nem a gente — disse meu pai, e minha mãe me abraçou. — Nem a gente.

Nada mais foi dito. O que haveria a dizer? Ficamos na varanda até o sol se pôr e então um pouco mais, conforme a lua aparecia no céu, lembrando a nós que mais um dos meus dias agora limitados havia terminado.

Eu não fazia ideia do que aconteceria dali em diante. Então, por ora, apenas respiraria fundo e absorveria o mundo sentada ao lado das minhas duas pessoas preferidas.



Dois dias depois, estávamos de volta ao consultório do dr. Long. Não sabíamos a razão para estarmos ali, e apesar de ter avisado ao meu coração para não ficar animado demais, eu não conseguia deixar de sentir uma centelha de esperança.

Meus pais estavam sentados ao meu lado. Nos últimos dois dias, eles mal saíram de perto de mim. As últimas quarenta e oito horas haviam trazido uma miríade de emoções. Mas o desprendimento permanecia. Ao ver meu reflexo, eu não reconhecia a garota na minha frente, embora isso tivesse acontecido muitas vezes ao longo do tratamento. Mês a mês, eu sentia que estava me transformando em outra pessoa, que parecia alguém completamente diferente. Apenas uma coisa não havia mudado.

O meu amor pela escrita.

Uma pontada me atravessou de novo. Apesar da dor que eu sabia que estava por vir, da fraqueza, da morte se aproximando lentamente dia após dia, o único pensamento que

me deixou abalada foi saber que eu não me tornaria escritora, como tinha planejado. Meus sonhos, meus planos... todos virariam pó.

Meu coração quase parou quando percebi que eu nunca me apaixonaria. Eu tinha dezessete anos e nunca havia me apaixonado. Nunca tinha sido beijada. Nenhum garoto segurou a minha mão. Eu não tive o meu final feliz.

E agora não teria nunca mais.

Atrás de nós, a porta se abriu com um clique. O dr. Long sorriu para a gente enquanto se sentava à mesa.

— Olá, obrigado por virem.

— Está tudo bem? — perguntou meu pai.

Meu coração quis saltar pela boca enquanto esperávamos o médico falar.

Meus pais seguraram minhas mãos e apertaram com força. O dr. Long segurava alguns papéis, e eu percebi que sua expressão não era a mesma de dois dias atrás. Havia ali o que parecia um pouquinho de... esperança?

Meu coração acelerou ainda mais.

— Desculpa pedir para voltarem cedo assim, mas acabei de saber de algo que preciso compartilhar com vocês, e o tempo é primordial.

— Pode falar — incitou meu pai.

— Há um novo tratamento experimental em Austin — disse o dr. Long, indo direto ao assunto. — Semanas atrás, quando suspeitei que June não estava respondendo ao tratamento, inscrevi o nome dela como possível candidata.

Um tratamento experimental? Eu nunca tinha pensado nessa possibilidade.

O dr. Long virou a tela do computador para nós e abriu um e-mail. Apontou para a tela, mas mantive os olhos fixos nos dele.

— Uma empresa farmacêutica está desenvolvendo um novo tratamento para adolescentes com leucemia mieloide aguda. — Fiquei imóvel. Essa era a doença que eu enfrentava havia mais de um ano. — Há oito vagas disponíveis em um hospital particular em um rancho a mais ou menos uma hora de Marble Falls, perto de Austin. — Ele nos deu um folheto. — Na primeira tentativa, June foi dispensada por ainda ter sinais de melhora. Mas dias atrás, quando avisei que o tratamento tinha parado de dar resultado, eles disseram que talvez tivessem uma vaga em breve.

O dr. Long fez uma pausa, e um toque de tristeza apareceu em sua expressão. Foi quando me dei conta: a vaga havia surgido porque alguém não resistira. Um adolescente com LMA, como eu, tinha falecido.

Minha mãe soltou um soluço estrangulado, mas eu estava absorta demais no que o médico estava dizendo.

— June. — Ele se dirigiu a mim. — Esse tratamento... — Ele balançou a cabeça. — Não vou mentir, vai ser difícil, mas é a nossa última chance. — Então ele se voltou para os meus pais. — A permanência é necessária, claro. Há um alojamento familiar lá. Não sei como vai ser com o trabalho de vocês, mas é uma chance real de cura para June. — O dr. Long deu uma batidinha no folheto. — Leiam com calma, mas precisamos responder até o fim do dia. Vai ser uma reviravolta total na vida de vocês... mas é uma *chance*. Nossa última chance.

Olhei para os meus pais. Eles estavam completamente arrasados. Os últimos dias foram demais para suportar.

— Eu quero tentar — falei, com a voz forte.

Minha mãe assentiu e olhou para o meu pai.

— Vamos fazer dar certo, não importa o que aconteça — respondeu meu pai, dando um leve sorriso. Ele se virou para mim e beijou a minha testa. — Querida, a gente vai te dar essa

chance e vamos nos certificar de que dê certo. — A voz dele ficou embargada. — Não posso perder você. — Ele sacudiu a cabeça, e lágrimas caíram no piso de linóleo. — Não vou perder você.

Só então chorei. Pela primeira vez desde que me disseram que eu estava em estágio avançado, desmoronei. Assenti para o meu pai, incapaz de falar.

Quando olhei para as minhas mãos de novo, soltei um fôlego trêmulo. Pareciam minhas outra vez. Olhei pela janela... me senti *eu mesma* de novo.

— Ela fará o tratamento — disse meu pai ao dr. Long, me tirando de meus pensamentos. — Quando podemos ir?

Os planos do dr. Long e dos meus pais viraram ruído de fundo enquanto eu olhava o sol brilhante do Texas pela janela. Quase conseguia sentir seus raios de cura beijando meu rosto.

Esperança.

Eu estava sentindo um lampejo de esperança.

E me agarraria a ela o mais forte que pudesse.

*E se você encontrasse o seu para
sempre justamente quando não há
mais tempo de vivê-lo?*

June Scott é uma aspirante a escritora de dezessete anos que sempre sonhou em escrever um romance épico. Um livro cheio de alegria, beleza e aquele tipo de amor que vive mesmo muito depois de a última página ser virada. Mas June nunca se apaixonou e, quando recebe uma notícia repentina que muda sua vida, ela se pergunta se algum dia vai se apaixonar.

Jesse Taylor é um jovem que segue o seu próprio ritmo. Ele vive como se cada instante fosse o último... porque realmente pode ser. À medida que os mundos de June e Jesse colidem, o que era uma faísca acaba se tornando uma forte chama. Os dias do casal passam como areia através de uma ampulheta, repletos de beijos roubados e momentos de tranquilidade que parecem infinitos. Enquanto June escreve sobre o amor deles com suas próprias palavras, cria algo ainda maior, uma história para o mundo, um presente para o garoto que mudou tudo. Porque o amor não morre, mesmo que as pessoas morram. O amor vive em memórias, em palavras e no coração daqueles que têm coragem de senti-lo.

*Uma história que fere a alma,
mas que também cura o coração.*

 Planeta



9 788542 241716